

CAPITÃES DA AREIA E CINCO BALAS CONTRA A AMÉRICA: ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DA VEROSSIMILHANÇA

Márcia Elizabeti Machado de Lima (UNEMAT)
Tania Celestino de Macêdo (UNEMAT/USP)

O presente trabalho configura-se em pequena mostra da pesquisa de Doutorado em andamento intitulada *Capitães da Areia e Cinco Balas Contra a América: Arte Engajada ou Populismo Literário?* A obra *Capitães da Areia*, do brasileiro Jorge Amado, produzida em 1937, traz à cena romanesca personagens juvenis que travam lutas diárias pela sobrevivência, no contexto de Salvador- Bahia. Quanto a *Cinco Balas Contra a América*, do cabo-verdiano Jorge Araújo, traz personagens juvenis colocados a serviço do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde). A produção é de 2009, mas remete-se e recria a realidade sócio-histórica das lutas por independência, no espaço da cidade de Mindelo, em Cabo Verde. No presente recorte da pesquisa focamos a atenção nas estratégias de construção da verossimilhança empregadas pelos dois autores. Em relação a Jorge Amado, procuramos desvendar como o narrador, supostamente, referencia a realidade na abertura da narrativa, nas cartas endereçadas ao *Jornal da Tarde*. Em Jorge Araújo centramos a atenção em como o narrador tece a conclusão da trama, com a biografia de cada um dos personagens, em que informa ao leitor o destino que tiveram. Tendo um deles, inclusive, o nome de um Ditador português, o qual repudiava e fazia questão de ser chamado pelo apelido de um revolucionário mexicano. Nosso trabalho vincula-se à Literatura Comparada, por compreender a investigação literária que joga luzes sobre a forma e o conteúdo de duas ou mais literaturas. Ampliamos o olhar sob as lentes teóricas e críticas dos autores: (ABDALA Jr, 1989; 2007); (BERGANO, 2008); (BENOIT, 2002); (SARTRE, 1999); (BALIBAR & MACHEREY, 1976), entre outros.

Palavras-Chave: Literatura Comparada. Verossimilhança. Personagem.

[...] trata-se de saber a respeito de que se quer escrever: de borboletas ou da condição dos judeus. E quando já se sabe, resta decidir como se escreverá. Muitas vezes ocorre que as duas escolhas sejam uma só, mas jamais, nos bons autores, a segunda precede à primeira [...] (SARTRE, In *O Que é a Literatura*)

A escolha da epígrafe acima se dá por acreditarmos ser a tônica da reflexão que ousamos propor no recorte que ora apresentamos, das obras em pauta: *Capitães da Areia*, do brasileiro Jorge Amado e *Cinco Balas Contra a América*, do cabo-verdiano Jorge Araújo. A primeira, publicada em 1937, e a segunda, já no século XXI, em 2009.

Militante político do Partido Comunista, desde o início da década de 1930, Jorge Amado manifesta na produção literária a paixão que o move como cidadão, em meio às lutas de um período histórico chamado Estado Novo, de embates políticos-ideológicos, de forças repressoras e ao mesmo tempo, bastante promissoras no sentido de renovação. É nesse contexto, que é publicada a 1ª edição de *Capitães da Areia*, em setembro de 1937, pela Editora José Olympio, Rio de Janeiro. Em seguida, em 06 de novembro,

mesmo tendo fugido para Manaus, ao ser avisado do Golpe de Vargas, lá Amado vai preso, às vésperas da decretação do novo regime político. Na cadeia recebe a notícia de que a censura proíbe a circulação de seus livros, recolhe e os queima. Isto porque Amado já estava em evidência com os livros *Cacau*, *Suor e Jubiabá*, com enredos que problematizavam o mundo do trabalho e a exploração aos trabalhadores das roças de cacau.

Quanto a *Cinco Balas Contra a América*, publicado em 2005, é anunciado e vendido em coleções Infanto-juvenis, com ilustração do angolano Pedro Sousa Pereira. O autor Jorge Araújo nasceu em 1959, na cidade de Mindelo, ilha de São Vicente, no arquipélago de Cabo Verde, cenário da obra. Tendo cursado Comunicação e Teatro na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, inicia sua carreira como jornalista na televisão de Cabo Verde. Depois de atuar brevemente como diplomata, firma-se, então, como repórter. Daí em diante, fez cobertura de vários conflitos armados, principalmente, na África. Premiada pela atuação nos meios de comunicação recebeu, entre outros, em 2003, o prêmio “Jornalismo Contra a Indiferença”. É de sua autoria, também: *Timor, o insuportável ruído das Lágrimas* (2000); *O dia em que a noite se perdeu* (2008); *Comandante Hussi* (2003); *Nem tudo começa com um beijo* (2005) e *Paralelo* (2006).

Conforme anunciamos em Resumo, este estudo configura-se em excerto da pesquisa de Doutorado, ainda em forma embrionária de tese. Interessa-nos, aqui, tomarmos para leitura a forma como Jorge Amado apresenta ao leitor, no que podemos chamar de prólogo da obra, o que será matéria do seu romance, a vida e as peripécias dos *Capitães da Areia*, nas “Cartas ao Jornal da Tarde”. Enquanto em Jorge Araújo focamos a leitura no último capítulo, intitulado “Bala Final”, em que oferece a biografia das personagens, informando ao leitor os rumos do destino dos “seres de papel”, como se tivessem existência fora do espaço da obra e ganhassem vida, dando continuidade às suas trajetórias.

Para fins de contextualização, convém apresentamos, brevemente, as duas obras em pauta: *Capitães da Areia* estrutura-se em quatro partes. Temos o Prólogo “Cartas à Redação”, que se inicia com a reportagem “As Crianças Ladronas”, em que é feita ao leitor, a apresentação dos meninos, os ditos “Capitães da Areia”, pelo veículo de comunicação “O Jornal da Tarde”, da cidade de Salvador-BA. À reportagem seguem-se

as cartas anunciando em diferentes vozes: os feitos, os crimes e o tratamento dispensado aos meninos, no “Reformatório de Menores”. Cartas essas, às quais dispensaremos atenção, posteriormente.

Na sequência, com o título “Sob a lua um velho trapiche abandonado”, inicia-se a narrativa propriamente dita, em que sob a forma de histórias independentes, passamos a conhecer os “Capitães da Areia”, em onze capítulos. As personagens são nomeadas, metonimicamente, de acordo com características físicas e/ou de suas personalidades, de seus perfis psicológicos: Pedro Bala (o chefe do bando), Sem-Pernas, o Professor, Boa-Vida, Gato, Pirulito, João Grande, etc.

A segunda parte, com oito capítulos, "Noite da Grande Paz, da Grande Paz dos teus olhos", em meio às agruras das personagens, narram-se cenas de amor e de morte, de iniciação ao amor e de luta pela sobrevivência. Nessa parte é introduzida a personagem Dora, vítima da orfandade resultante da doença da bexiga que infestava a cidade, que se junta ao grupo e vai ter enorme influência na ação do chefe Pedro Bala.

A terceira e última parte mostra a desintegração do grupo dos “Capitães da Areia”, conforme vão se delineando os seus destinos à medida que vão atingindo a fase adulta.

Quem eram, afinal, os “Capitães da Areia”? Eram assim denominadas as crianças e adolescentes abandonados que se abrigavam em um velho trapiche nas areias próximas ao cais do porto da cidade de Salvador, na Bahia. Os relatos de vida do grupo formado por crianças e adolescentes “vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro” (AMADO, 2008, p.27) protagonizam a narrativa de Jorge Amado. O grupo levava uma vida “nem sempre fácil, arranjando o que comer e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteira e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes pedindo esmola” (AMADO, 2008, p.42).

Já no século XXI, setenta e dois anos depois, o cabo-verdiano Jorge Araújo tece a narrativa *Cinco Balas Contra a América* aberta com a epígrafe de Napoleão Bonaparte “Aos olhos daqueles que fundam impérios, os homens nada mais são do que ferramentas”. Araújo organiza a narrativa em capítulos intitulados “Bala 1”, “Bala 2”, “Bala3”, “Bala 4”, Bala 5”, “Bala Perdida” e “Bala Final”. O Enredo remete-se e recria a realidade sócio-histórica das lutas por independência, no espaço da cidade cabo-

verdiana de Mindelo. Araújo cria uma trama em que às personagens juvenis é entregue a missão de defender o território de possíveis ataques, a serviço do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde). Assim, no espaço temporal de uma noite, os protagonistas experienciam física e emocionalmente, os medos de um embate com o inimigo político-ideológico, as tropas norte americanas.

A referida nomeação dos capítulos é feita em função do número de balas entregues aos personagens para serem usadas em face da necessidade de defenderem a si e à causa da luta.

No último capítulo “Bala Final” Araújo traz na conclusão da trama uma pequena biografia de cada um dos personagens, em que informa ao leitor os rumos do destino de cada um.

Como que amarrando as duas pontas da narrativa em diálogo com a epígrafe de abertura lemos nas páginas finais da obra o pensamento do personagem Zapata, que nos é dado a conhecer pelo narrador: “O imperialismo tem sempre seus lacaios, pensou consigo, são os seus tentáculos, os kamikazes dispostos a derrubar os primeiros obstáculos, acrescentou mais um argumento ao seu revolucionário raciocínio, senão nunca teria o braço tão longo. Tão poderoso (Araújo, 2008, p.125)”.

2 Desenvolvimento

O trabalho para um artista é um processo altamente consciente e racional, um processo ao fim do qual resulta a obra de arte como realidade dominada, e não _ de modo algum _ um estado de inspiração embriagante. (FISCHER, Ernst)

Há muito os teóricos e críticos debatem-se em torno de questões como representação, referenciação, imitação, mimesis, o que culminaria em obras verossímeis ou inverossímeis. Convém esclarecer que o nosso propósito não é discutir tais conceitos, antes tratarmos as narrativas como objetos construídos por autores imersos em suas realidades sócio-históricas, como obras que apresentam a “dialética externo/interno” de que fala Abdala Júnior (1989), na esteira de Antonio Candido. Ou dito de outra maneira, transformando “[...] a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma” (FISCHER, 1971, p.14). O que coaduna com o conceito de literatura defendido por Candido: “(1) uma construção de objetos com estrutura e significado; (2) uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do

mundo dos indivíduos e dos grupos, (3) é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente” (1986, p. 244).

E Candido segue esclarecendo que devido ao arranjo harmônico destas três faces é que a literatura atua em nossas vidas como humanizadora. Embora, segundo ele, a tendência seja pensar que a terceira delas, a de transmissora de conhecimento, seja a principal. É na primeira, enquanto objeto construído, pela liberdade ficcional, que reside o lado mágico da literatura, que fascina e alimenta a fome e a sede que temos de entrar em contato com o “universo fabulado”, de suspendermo-nos do real e entrarmos no imaginário. Já que no ser humano, segundo Morin, “o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico-técnico, jamais anulou o conhecimento simbólico, mítico, mágico ou poético” (2002, p. 59).

Em *Capitães da Areia* reconhecemos como estratégia de construção da verossimilhança a reportagem e as cartas supostamente publicadas no Jornal da Tarde, na cidade de Salvador, em que são noticiadas as façanhas das personagens. Haja vista a credibilidade dada à imprensa escrita, como veiculadora de informações “verdadeiras”, inclusive se utilizando dos gêneros reportagem e carta em concorrência com o gênero romance, que por si já se define como portador de “inverdades”. Sobre o prólogo apresentado consideramos bastante pertinente a análise de Gomes, em seu Roteiro de Leitura:

Jorge Amado se aproveita desse prólogo para criticar indiretamente os poderosos através da linguagem, examinada em diferentes níveis. Assim, a escrita rebarbativa, grandiloquente das autoridades contrasta com a da mulher do povo. Ao mesmo tempo, o tom de reportagem parece colaborar para afeição verista do romance, como se o narrador quisesse dar a impressão para o leitor de que o que vai contar é absolutamente verdadeiro (GOMES, 1994, p. 23).

Nessas cartas endereçadas ao jornal se reclamam providências por parte do Juiz de Menores e do Chefe de Polícia a partir da reportagem sobre o furto em mais de um conto de réis, da residência do Comendador José Ferreira, no “coração do mais chique bairro da cidade [...] remanso de paz e trabalho honesto” (AMADO, 2008, p.11).

[...] O que se faz necessário é uma urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos Institutos de reforma de crianças ou às prisões [...] (AMADO, 2008, p.5).

A essa carta se seguem outras de mesmo teor, em que o Diretor do jornal, o Chefe de Polícia, o Juiz de Menores e o Diretor do Reformatório trocam elogios e reafirmam a necessidade de punir os “Capitães da Areia”:

Ainda nestes últimos meses que decorreram mandei para o Reformatório de Menores vários menores delinquentes ou abandonados. Não tenho culpa, porém, de que fujam que não se impressionem com o exemplo de trabalho que encontram naquele estabelecimento de educação e que, por meio da fuga, abandonem um ambiente onde se respiram paz e trabalho e onde são tratados com o maior carinho [...] (AMADO, 2008, P.9).

Por outro lado, dialogicamente, entram em cena outras vozes, os defensores dos mesmos, em embate de ideias, inclusive sobre a atuação de um referido reformatório que deveria acolher e recuperar os personagens adolescentes. Entre as vozes, a de uma mãe que assina como *Maria Ricardina, costureira*. “Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal do reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma” (AMADO, 2008, p.13). Essa carta foi publicada na quinta página do jornal, ao contrário das que condenam os personagens, que são publicadas em primeira página, conforme o narrador faz questão de nos informar.

Eis o contraponto entre a visão única do narrador e visões das demais vozes do texto, como recurso estilístico, como forma de aproximação da “verdade/realidade” da obra, a exemplo do que diz Auerbach sobre a narrativa moderna: [...] não se trata apenas de *um* sujeito, cujas impressões conscientes são reproduzidas, mas de muitos sujeitos, amiúde cambiantes [...]. Da pluralidade dos sujeitos pode-se concluir que, apesar de tudo, trata-se da intenção de pesquisar uma realidade objetiva [...] (2011, p. 483).

Segue-se à voz da mãe, a carta do Padre José Pedro. Como voz que destoa das demais vozes do Clero situado ao lado do poder, essa denuncia as condições do reformatório e os maus tratos dos que lá atuam,

[...] sou obrigado a sair da obscuridade em que vivo para vir vos dizer que infelizmente Maria Ricardina tem razão. As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. [...] e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos [...] (AMADO, 2008, p.12).

São essas, sem dúvida, todas elas vozes do cidadão-escritor Jorge Amado, que não se furta ao posicionamento, como faz questão de enfatizar em Discurso de Posse na

Academia Brasileira de Letras: “[...] Jamais fui nem serei imparcial nessa luta do homem contra o inimigo do homem [...]” (MARTINS, S/D, p.14). A matéria prima das narrativas na literatura amadiana, portanto, é a representação do outro, seja pela perspectiva de classe, de gênero ou de etnia.

O que está em consonância com Benoît ao referir-se à prática da escrita engajada, “É inegável que sempre existiu uma literatura de combate preocupada em tomar parte nas controvérsias políticas” (2002, p. 10). O que não desobriga o autor a prezar pela forma “sem a qual ele [o autor] faria literatura de propaganda; é antes uma questão de [...] modificar-lhe o sentido, deixando de fazer disso um fim em si para tentar fazê-la servir às causas sociais [...]” (BENOIT, 2002, P.25”).

Assim, em resposta às denúncias da mãe e do Padre vem a carta do Diretor do Reformatório que ataca a mãe, chamando-a de “mulherzinha do povo” destila:

[...] o Reformatório cumpre a sua santa missão de educar os seus filhos. Elas os criam na rua, na pândega, e como eles aqui são submetidos a uma vida exemplar, elas são as primeiras a reclamar, quando deviam beijar as mãos daqueles que estão fazendo dos seus filhos homens de bem [...] (AMADO, 2008, p.13).

Em referência ao padre o diretor do reformatório o chama “padre do demônio”, dizendo: “Desde que ele penetrou os umbrais desta casa que os casos de rebeldia e contravenções aos regulamentos aumentaram” (AMADO, 2008, p.14). E, na defensiva, coloca-se à disposição do Jornal para verificação das condições do Reformatório.

[...] Espero o vosso redator na segunda-feira. E se não digo que ele venha no dia que quiser é que estas visitas devem ser feitas nos dias permitidos pelo regulamento e é meu costume nunca me afastar do regulamento. Este é o motivo único por que convido o vosso redator para segunda-feira. Pelo que vos fico imensamente grato, como pela publicação desta. Assim ficará confundido o falso vigário de Cristo. Criado agradecido e admirador atento, Diretor do Reformatório Baiano de Menores Delinqüentes e Abandonados (AMADO, 2008, P.15).

Passamos a saber no desenvolvimento do enredo que o Padre José Pedro é marginalizado em relação aos demais padres, pois sendo fiel a sua origem humilde toma partido da situação de miséria dos meninos, “[...] tinha sido operário e sabia como tratar os meninos. Tratava-os como a homens, como amigos. E assim conquistou a confiança

deles, se fez amigo de todos, mesmo daqueles que, como Pedro Bala e o Professor, não gostavam muito de rezar (AMADO, 2008, p.69)”.

Por fim, encerra-se essa parte com os títulos da reportagem que o Jornal teria publicado em consequência da visita ao Reformatório Baiano, que o narrador informa ao leitor que tomou toda a primeira página, dando o tom da parcialidade que o veículo assume:

Um Estabelecimento Modelar onde Reinam a Paz e o Tratado - um Diretor que é um Amigo - ótima comida - crianças ladronas em Caminho da Regeneração- Acusações Improcedentes- só um Incurrigível reclama - o Reformatório Baiano é uma grande Família – onde deviam estar os Capitães da Areia (AMADO, 2008, P. 15).

A partir daí segue-se a narrativa da trama que vem descortinar outras verdades para além da delinquência, em que os “Capitães da Areia” se mostram com toda a complexidade, suas dores e alegrias, seus amores e lutas pela sobrevivência, em meio à opressão. O que afirmamos estar em acordo com Fuentes ao citar Kundera, tecendo conjunturas sobre a “função” do romance: “Nada há de mais oposto ao espírito do romance, profundamente ligado à descoberta da relatividade do mundo, do que a mentalidade totalitária, dedicada à implantação de uma verdade única” (FUENTES, 1993, p. 85). Assim, o romancista Jorge Amado não se separa do cidadão, condensa em criação literária a denúncia, o drama e a poesia, como parte da militância política que assumira.

Semelhantes estratégias de tecitura romanesca, vislumbramos em Jorge Araújo, ao valer-se do gênero “biografia” tido, certamente, como muito mais confiável que o gênero romance, oferecendo ao leitor no que podemos chamar de epílogo da obra *Cinco Balas Contra a América*, a biografia dos protagonistas no capítulo “Bala Final”. Como se fosse a última “carta na manga” do narrador que se propões ao diálogo com o contexto sócio-histórico como projeto de construção da verossimilhança:

O Comandante Zero recusou todos os cargos importantes para que foi convidado depois da independência de Cabo Verde, a 5 de julho de 1975. Passou à reserva quando o PAIGC perdeu as primeiras eleições livres da história do país, em janeiro de 1991. Apesar de ser considerado um “combatente da liberdade da Pátria”, vive com uma reforma de miséria. Mas vive feliz [...] (Araújo, 2008, p. 135).

Sobre a personagem-chefe do grupo é apelidado como Zapata, nome de um revolucionário mexicano, mas que tem o nome de batismo do ditador português, Salazar. E vem no romance em nota de rodapé: “António de Oliveira Salazar (1889-

1970): ditador que governou Portugal de 1932 a 1968, promovendo desde 1961 a chamada Guerra Colonial contra as forças independentistas de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau (Araújo, 2008, p.55)”. O que compreendemos como jogo ficcional que instaura a ironia e brinca, “com seriedade”, com a proximidade e semelhança existente entre um revolucionário defensor da nacionalidade e um ditador opressor. A respeito de Zapata, o narrador diz:

Zapata teve uma ascensão fulgurante no seio do PAIGC. Foi secretário-geral da organização dos jovens do Partido, a JAAC (Juventude Africana Amílcar Cabral) [...] deputado na Assembleia Nacional Popular nos tempos do Partido Único, embaixador na Gâmbia. Continuou arrogante, insolente, irascível [...] Esqueceu o seu nome de guerra, enterrou a palavra camarada e passou a responder pelo seu nome de batismo: Salazar António dos Santos (Araújo, 2008, p. 136).

E traz, também, em rodapé: “Referência a Emiliano Zapata (1879-1919), um dos principais líderes da Revolução Mexicana de 1910 (Araújo, 2008, p. 56)”. Além de comentar que a personagem “[...] sentia o sangue póstumo do seu ídolo Che Guevara a correr-lhe nas veias (Araújo, 2008, p. 60)”.

Parece-nos que o narrador deseja ir além das linhas do narrado, convidando o leitor a ampliar por meio da ficção o olhar sobre o contexto revolucionário do país, jogando com luzes e sombras, criando a ambivalência. Ao que Hutcheon chama de característica semântica *relacional* da ironia, que se dá no sentido de estratégia que vai além de operar entre os dois eixos, dito/não dito, abrange a participação dos envolvidos no processo: ironista / interpretadores / alvos. O significado ocorre como resultado do desempenho desses três elementos, não se podendo separar as “dimensões semântica e sintática da ironia, dos aspectos sociais, históricos e culturais de seus contextos de emprego e atribuição” (HUTCHEON, 2000, p.36).

A propósito do efeito obtido pelo jogo entre a realidade histórica e a ficção, convém lembrarmos a discussão proposta por Étienne Balibar e Pierre Macherey, para quem a obra literária pode funcionar como reflexo da realidade indo além da mesma, pela construção de imagens e construção/desconstrução de ideologias. Assim, “[...] o texto literário *produz ao mesmo tempo* um efeito de realidade e um efeito de ficção, privilegiando ora um ora outro, interpretando um pelo outro e inversamente, mas *sempre na base deste par* (1979, p. 42)”. (Grifos dos autores). Mediante o que convidamos Fischer a completar esse pensamento, por meio da defesa de que “quer

embalando, quer despertando, jogando com sombras ou trazendo luzes, a arte jamais é uma mera descrição clínica do real (1971, p. 19)”.

À luz dessa imbricação dialética interno/externo que movimentava a narrativa e mobiliza o leitor é que entendemos que se constroem as obras de Amado e Araújo, que faz com que os dois insiram no gênero romance os gêneros carta, reportagem, biografia, tudo confluindo a um mesmo fim: “[...] a produção dos efeitos literários no conjunto histórico das práticas sociais” (BALIBAR e MACHEREY, In SEIXO, 1979, p. 28).

Assim Araújo segue biografando as suas personagens, sobre Bob nos informa desde o abandono da escola e a ida a Paris à custa da aposentadoria que “o pai recebia de Portugal, das Alfândegas no Período Colonial [...]” à tentativa na carreira musical, da qual “desistiu no dia em que o seu ídolo, Bob Marley, morreu vítima de *cancro*” (grifo do autor). Após o que se atira aos estudos, formando-se em Jornalismo na Sorbonne, e arremata: “Foi um dos muitos repórteres de guerra mortos, em 2006, no Iraque, mais precisamente na cidade portuária de Basra (Araújo, 2008, p.137)”

Bastante ilustrativas do empenho de Araújo em imbricar a realidade do romance e a realidade social, são as informações sobre a personagem Aristóteles, que após abandonar o PAIGC, o pai ter sido preso e levado ao campo de concentração do Tarrafal,

[...] apostou tudo na religião, tornou-se num dos mais fervorosos adeptos de uma seita brasileira que estava a cativar as almas de grande parte dos mindelenses. Foi expuls quando descobriram a sua homossexualidade. Emigrou para a Bélgica. Agora é um famoso travesti no bar Stars of Paradise, na cidade de Antuérpia [...] (Araújo, 2008, p. 139).

Temos, então, a verossimilhança construída não como imagem do mundo, mas como reflexão sobre o mesmo, que pede um leitor que assuma o compromisso de ir além do texto, valendo-se dos referenciais históricos para construir o sentido, como coparticipe de um mesmo universo, o humano.

(IN) CONCLUSÕES

Mesmo Consciente da incompletude deste trabalho, uma vez que toda obra esteticamente bem construída permite diversas leituras e procedimentos analíticos-críticos, mas considerando os limites de tempo/espço de produção e o exercício de leitura que nos propusemos a realizar, suspendemos a escrita.

Propusemos a leitura de como Jorge Amado apresenta e envolve o leitor na narrativa romanesca com teor de “verdade”, ao se utilizar dos gêneros reportagem e carta, trazendo a polifonia pelas vozes de opressores e oprimidos no palco da ficção. Buscamos explicitar o processo de construção literária em que se pretende criar efeitos de denúncia social.

Na mesma perspectiva lemos Jorge Araújo que biografava as personagens misturando história e ficção em diálogo profícuo com nomes que figuraram na História Oficial de vários países, como ditadores e revolucionários.

O que aponta para o papel de autores como intelectuais comprometidos, que pela arte da palavra reconstróem a realidade, que integrados ao mundo fazem da criação ferramenta de luta. Conforme nos ensina Abdala Júnior, lembramos que o efeito artístico-ideológico dessa estratégia envolve a tudo, *matéria e referente histórico*, não se restringe temporalmente.

Portanto, as leituras de obras dessa natureza não se esgotam, “A decodificação textual continua a ter hoje implicações político-sociológicas evidentes, como acontece com a literatura mais explicitamente engajada” (1989, p.145).

Por fim, as narrativas de Amado e de Araújo devem ser lidas com os olhos da razão e da sensibilidade, entendendo como Mia Couto que “O escritor não é apenas aquele que escreve, é aquele que produz pensamento, aquele que é capaz de engravidar os outros de sentimento e de encantamento.” (2005, p.63). São obras capazes de provocar as mais diversas sensações, difíceis de traduzir em análise, pois só a vivência do exercício da leitura pode lhes fazer justiça.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1989.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Jorge. *Cinco Balas Contra a América*. São Paulo: Editora 34, 2008.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: A Representação Da Realidade Na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BALIBAR, Étienne e MACHEREY, Pierre. “*Sobre a literatura como forma ideológica*”. In: *Literatura, significação e ideologia*. Lisboa: Arcádia, 1976.

BERGANO, Edvaldo. *Ficção e convicção: Jorge Amado e o neo-realismo literário português*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. *Literatura, significação e ideologia*.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: *Vários escritos*. São Paulo: Livraria duas cidades, 1986.

DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascoal a Sartre*. São Paulo: Edusc, 2002.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

FUENTES, Carlos. *Geografia do Romance*. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e Política da Ironia*. Trad. Júlio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1999.